

O OLHAR DAS FAMÍLIAS SOBRE A VELHICE E O CONVÍVIO COM IDOSOS

ADRIANA DE AZEVEDO FREITAS SMITH FILGUEIRAS
PPGEnf/UFPB/João Pessoa, Paraíba, Brasil
E-mail: adrianafilgueiras@yahoo.com.br

AISSA ROMINA SILVA DO NASCIMENTO
Centro Universitário UNIPÊ/João Pessoa, Paraíba, Brasil
E-mail: aissas@bol.com.br

ANÚBES PEREIRA DE CASTRO
Universidade Federal de Campina Grande/Campina Grande, Paraíba, Brasil
E-mail: anubes@bol.com.br

MARIA ELIETE BATISTA MOURA
NOVAFAPI/UFPI, Teresina, Piauí, Brasil
E-mail: lia@novafapi.com.br

ANTONIA OLIVEIRA SILVA
Universidade Federal da Paraíba/PPGEnf/ João Pessoa, Paraíba, Brasil
E-mail: alfaleta@hotmail.com

INTRODUÇÃO

De acordo com Debert (2003), as representações relacionadas aos idosos e o tratamento dado pela sociedade aos mesmos adquirem significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos.

As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas (IBGE, 2006). Assim, considerando a contínua tendência de crescimento da população idosa no Brasil e no mundo, percebemos o quanto é importante estudar o processo de envelhecimento para conscientizar nossa população à participar ativamente do processo de envelhecimento de seus familiares.

A família é a base inicial de toda convivência. Autores que vêm estudando a família, como Bilac (1995a, 1995b), Carvalho (1995) e Sarti (1995a, 1995b, 1996), afirmam que a família é o *locus* primário onde se desenvolvem as sociabilidades primeiras dos indivíduos. É o espaço que ampara o idoso, lugar onde se afirma o pertencimento a esse grupo e, sobretudo, lugar onde se afirma uma identidade. A família não só como provedora material da existência, mas, sobretudo, como referência moral, como repassadora de valores, normas de comportamento. Essa função independe da classe social da qual a família faz parte, entretanto, entre os pobres, a família não se constitui apenas enquanto elo afetivo, mas, sobretudo, como núcleo de sobrevivência material e espiritual.

Para este segmento social, o espaço da família está associado a confiança, lugar onde há pessoas onde se pode confiar. Para os idosos, isso fica bem mais evidente por estarem passando por uma fase que aos olhos da sociedade moderna, ainda é vista como algo estranho e que deve ser evitada, e até mesmo “escondida”. Ao nos depararmos com o envelhecimento, a necessidade do convívio familiar torna-se ainda maior, visto que é uma fase na qual ocorrem muitas transformações sociais, culturais e econômicas, que determinam um momento de adaptação (WOORTMANN, 1987 apud SARTI, 1996).

A questão da velhice é um assunto que está cada vez mais presente nas agendas sociais, políticas e econômicas mundiais, isso porque, tem-se observado que estamos diante de um fenômeno progressivo de envelhecimento da população, nunca antes vivido pela sociedade. Esse processo tem despertado, na atualidade, questionamentos sobre o modo como se percebe a fase de envelhecimento, que acarreta transformações na esfera social, o indivíduo e as relações interpessoais, tanto para o idoso, quanto para a família do idoso (SCHIRRMACHER, 2004).

Numa sociedade de consumo, onde o belo é cultuado constantemente, parece não haver espaço para aquele que apresenta um aspecto enrugado; que tem suas funções

alteradas e que é tido como um “fardo” que precisa ser carregado. Nesse sentido, há todo um imaginário que contribui para a negatividade da imagem do idoso, reforçando também a sua “inutilidade”, como bem destaca Minayo e Coimbra Júnior (2002, p. 16): “a forma mais comum de discriminação cultural tem sido o estigma de ‘descartável’, ‘passado’ ou ‘peso social’.

A sociedade moderna, ao mesmo tempo em que apresenta o idoso como um ser ativo, capaz de dar respostas originais aos desafios que enfrentam em seu cotidiano, redefinindo suas experiências de forma a se contrapor aos estereótipos ligados a velhice. Também revela que estes convivem com a situação de pauperização e abandono a que o velho é relegado, alimentando a imagem da velhice como um período de retraimento em face da doença e da pobreza (DEBERT, 2003). Daí a percepção dos familiares acerca do processo de envelhecimento, o próprio olhar sobre a velhice e o idoso no espaço da família, serem tão diversificadas.

A velhice é um momento ímpar, na qual não só o idoso, mas também seus familiares precisam estar preparados para vivê-la, seja este, institucionalizado ou domiciliado. Entretanto, nem sempre encontramos esse conjunto (idosos e familiares) em consonância com uma mesma percepção do que é ser idoso. O fato é que muitas vezes a pessoa idosa é vista pela família como alguém que não tem mais poder de decisão, autonomia e não possuidora de direitos. Assim, com base nessa percepção e buscou-se responder ao seguinte questionamento: Existe diferença acerca do olhar dos familiares de idosos institucionalizados e domiciliados quanto ao que é a velhice, e o idoso no espaço da família?

Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo de pontuar o olhar dos familiares sobre velhice e idoso que vive em instituição asilar e em domicílio, no espaço da família.

METODOLOGIA

Esse estudo descritivo, de caráter qualitativo realizado com familiares de idosos moradores de uma Instituição asilar e domiciliados em comunidade carente, na grande João Pessoa, Paraíba, Brasil, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. A pesquisa de campo contou com a aplicação de um questionário aplicado a 10 familiares e da observação assistemática, voltada para apreender as evocações dos sujeitos sobre suas visões de mundo, significados/sentidos construídos acerca de sua condição (TOBAR e YALOUR, 2001).

A pesquisa foi realizada com familiares de idosos moradores da Instituição AMEM, localizada na Cidade de Cabedelo/Paraíba e familiares de idosos domiciliados na Comunidade do Timbó, localizadas no município de João Pessoa/Paraíba, Brasil, que optaram em participar voluntariamente da pesquisa.

A escolha da população se deu por conveniência, pois as autoras já possuem contato com a realidade da Instituição e comunidade do estudo. Para coleta utilizamos um questionário e a técnica da observação assistemática de campo. As visitas eram sistematicamente descritas em nosso diário de campo, no qual registramos todas as conversas informais, impressões, as observações durante cada contato, registros que foram de grande valia no momento da análise. Esses momentos de observação, principalmente os contatos informais, foram de grande importância. Após a aplicação destes instrumentos, agrupamos as falas para em seguida realizarmos a análise.

RESULTADOS

Os dados revelaram que todos os entrevistados entendiam que o envelhecimento como uma fase obrigatória para o indivíduo. Porém observamos que os familiares que tinham seu idoso institucionalizado acreditavam que tornar-se idoso seria perder a autonomia e seus direitos, por esta razão, mantinham-no longe de seu convívio familiar, não se importando em deixá-lo e até abandoná-lo na Instituição.

O idoso para estes, mesmo não estando doente, é alguém que demanda tempo, atenção e cuidados especiais que parecem ser incompatíveis de se administrar. Se junta a isso o conflito de gerações, dos jovens com os idosos que impossibilita conviverem no mesmo

espaço, mesmo destacando em suas falas que o idoso é portador de muita experiência e conhecimento.

A questão da experiência e conhecimento que a pessoa idosa possui observou-se nas falas de todos os entrevistados. Já os familiares de idosos domiciliados, mesmo num quadro social precário, preferiam conviver com eles, independente desse estar com saúde ou não. Para estes, escolher ficar com o idoso em casa retrata um direito do próprio idoso, que é estar com sua família.

Os laços de afetividade, de solidariedade não são afetados pelo quadro de pobreza. Relatam que o espaço da família é fundamental para o idoso conseguir enfrentar o processo de envelhecimento com menos traumas, e que eles precisam estar junto da família nessa fase, mas do que nunca. As dificuldades são amenizadas pela afetividade, convivência e solidariedade existente no núcleo familiar.

A família é tida para todos como um lugar positivo. Entre os familiares que têm seu idoso em instituição asilar, estes percebem esse espaço como sendo um lugar positivo, onde se faz amigos e possui muita tranquilidade. Percebemos que para estes, a instituição atende as necessidades de sociabilidade do idoso. Contudo, quando perguntados onde querem conviver durante a sua velhice, todos foram unânimes em afirmar que querem estar junto aos familiares, no espaço da família. Já os familiares dos idosos domiciliados, entendem que a instituição asilar é um lugar negativo, onde o idoso tem acentuado a sensação de tristeza e de isolamento, contribuindo assim para um quadro de depressão.

CONCLUSÕES

Observando as falas e imagens que emergiram, destaca-se uma forte tonalidade nas evocações de nossos entrevistados quanto à associação da família à base da vida e de tudo. Ela vem à tona como um espaço que reflete um grande sentido para o indivíduo durante toda sua vida, e na velhice mais do que nunca.

É o elemento referencial, eixo norteador na sociedade e no mundo, constituindo um lugar que confere estabilidade, refúgio. O processo de envelhecimento traz consigo toda uma carga negativa para os indivíduos, só pode ser amenizado se o idoso estiver no convívio de seus familiares, vivendo no mesmo espaço.

As dificuldades de ordem econômica são deixadas de lado, pois se valoriza o estar junto ao idoso. O afeto se sobrepõe a todas as dificuldades. Essa experiência só veio nos revelar a riqueza e complexidade da realidade estudada. Acenou para a possibilidade de se prosseguir neste eixo investigativo, contribuindo assim para um campo de estudo que ainda tem muito a ser explorado e entendido. Aqui reside o sentido de todo processo de investigação: não só pelo que nos foi revelado, mas, sobretudo pelos horizontes que nos acenou a conhecer e buscar. Daí a importância de se continuar investigando essa problemática.

REFERÊNCIAS

- BILAC, Elisabete Dória. "Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil". In: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1991. p.71-94.
- _____. "Família: algumas inquietações". In: CARVALHO, Maria do Carmo B. de (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 1995a. p.29-37.
- _____. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara. *Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995b. p.43-61.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. "A Priorização da Família na Agenda da Política Social". In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 1995. p.61-71.

DEBERT, Guita Grin. "Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade". In: BARROS, M. M. L. (org). *Velhice ou Terceira Idade*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

IBGE - *INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA*. Anuário Estatístico do Brasil; contagem da população, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. “Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (orgs.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

NASCIMENTO, Aissa Romina Silva do. *A Estrutura Familiar no quadro de precarização social: permanência ou mudança?* João Pessoa, 2003. 119f Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba – PPGS/UFPB.

SARTI, Cynthia. “Família e Individualidade: um problema moderno”. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC, 1995a. p.39-49.

_____. “O valor da família para os pobres”. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. *Famílias em Processos Contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995b. p.131-150.

_____. *A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo, Campinas: Autores Associados, 1996.

SCHIRRMACHER, Frank. A ditadura dos jovens. *Revista Veja*, nº 33, edição 1867, ano 37, 18 de Ago. de 2004.

TOBAR, Federico; YALOUR, Margot Ângela. *Como fazer teses em saúde pública: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

Adriana de Azevedo Freitas Smith Filgueiras
Endereço: Rua Presidente Jose Linhares, nº 15, apto 304, Bessa
Telefone:00-55-83-88690496
E-mail: adrianafilgueiras@yahoo.com.br